

## CAPÍTULO VII - Lobato e o “vício” da tradução

Profa. Dra. Vanete Santana-Dezmann

“Faço progresso no inglês. Li todo um livrão – 600 páginas: Robertson, *Discovery and conquest of America*”<sup>161</sup>. Assim Lobato anuncia ao amigo Godofredo Rangel seus avanços em língua inglesa. Aos 25 anos, formado em Direito e exercendo a função de promotor público em Areias, pequena cidade do Vale do Paraíba, onde vivia sozinho havia um semestre, o tédio, talvez, tenha favorecido o aprofundamento de seus conhecimentos do idioma. Porém, mesmo antes de chegar a Areias, Lobato sabia inglês o suficiente para, em 1906, traduzir o *Crepúsculo dos ídolos* e *O Anticristo*, de Nietzsche.

No fim de 1908, casado e ainda vivendo em Areias, ele passa a assinar o hebdomadário *Weekly Times*, que, tão logo lhe chega às mãos, tinha alguns artigos traduzidos para serem reproduzidos por jornais de São Paulo, tornando-se a tradução sua segunda fonte de renda: “ando assoberbado de maçadas, que aliás rendem alguma coisa, sobretudo as traduções do inglês. Dito-as da rede e Purezinha [sua esposa] escreve, e assim vai rápido. Este mês deram-me 80\$000”<sup>162</sup>. “Tenho mandado alguns artigos para a *Tribuna de Santos* e publicado n’*O Estado de S. Paulo* umas traduções do *Weekly Times* – esse meu meio de neutralizar Areias. Informo-me todas as semanas da saúde de Her Majesty. Quando encontro coisas muito interessantes, traduzo-as e mando-as para o *Estado* e eles me pagam 10\$000”<sup>163</sup>.

<sup>161</sup> Areias, 18/11/1907, Lobato, apud AZEVEDO, Carmen Lucia de; et alli. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997, p. 90.

<sup>162</sup> Areias, 10/12/1908. Idem, p. 91.

<sup>163</sup> Areias, 01/07/1909. Idem, p. 92.

Tão logo se torna editor e descobre que pode transformar as obras de outros autores, tem sua opinião sobre tradução alterada radicalmente, deixando de considerá-la maçada.

A estreia neste ramo se dá em 1925, com a ordenação literária de “Die Reisen” (As viagens), primeira parte de *Warhaftige Historia (História Verdica)*, de Hans Staden, jovem viajante alemão que, no final do século XVI, esteve duas vezes em terras que viriam a constituir o Brasil e, após o retorno a sua terra natal, registrou em livro as experiências vivenciadas além-mar<sup>164</sup>. De fato, “Die Reisen”, publicada por Lobato como *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*, foi a primeira obra editada pela Companhia Editora Nacional, que Lobato fundara em sociedade com Octales Marcondes. Em 1927 vem a público *Aventuras de Hans Staden* – reescritura da mesma obra contada a partir da óptica da personagem D. Benta, criada em 1920 como avó de Lúcia, a protagonista de *A menina do narizinho arrebitado*. A partir de então, seu trabalho de criação literária baseada ou inspirada em obras produzidas em outros idiomas e culturas se torna tão importante quanto a direção de sua editora, a produção de artigos para jornais e revistas e a edição de livros próprios e de outros autores – projeto em que vinha trabalhando desde 1917, com a criação da Companhia Gráfico-Editora, fundada em sociedade com alguns amigos quando deixara as atividades de fazendeiro em Caçapava.

Da crítica às traduções das histórias para crianças publicadas no Brasil por seus antecessores, vem-lhe a ideia de produzir literatura infantil e, provavelmente, de criar seu “Staden para crianças”, bem como reescrever histórias infantis consagradas pela literatura universal – já traduzidas ou não – para o português: “As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se feito com arte e talento dará coisa preciosa. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta”<sup>165</sup>. Seu descontentamento com

<sup>164</sup> Um estudo aprofundado sobre este tema pode ser encontrado em: SANTANA, Vanete Dutra. *Lobato e os carrascos civilizados – a construção da brasilidade via reescritura de Warhaftige Historia, de Hans Staden*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

<sup>165</sup> Fazenda, 08/09/1916. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. 2. t. São Paulo: Brasiliense, 1959a, p. 104.

as traduções de obras infantis o acompanharia por anos: “Estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas! Temos que refazer tudo isso – abrasilizar a linguagem”<sup>166</sup>.

É bem verdade que, quando começou a traduzir, já tinha 109 mil exemplares de livros vendidos, já fora traduzido e publicado na Espanha, já era bastante conhecido por seu artigo *Urupês* e pelas personagens Jeca Tatu e Narizinho e acabara de ser indicado para a Academia Brasileira de Letras. Sua atuação no palco literário já contava, portanto, com a encenação de vários papéis, aos quais se somaria o de tradutor. Provavelmente ninguém na história da literatura brasileira traduziu tanto quanto Lobato. Dentre as traduções publicadas, contam-se mais de 70 obras, além das adaptações e das revisões de tradução.

Entre a publicação da ordenação literária e da versão para a literatura infantil do livro de Staden, Lobato produziu outra ordenação literária de mais um livro de viajante – *História de uma viagem à terra do Brasil*, de Jean de Léry – e traduziu *Minha vida e minha obra*, de Henry Ford.

Em 1927, além da adaptação *Aventuras de Hans Staden*, Lobato traduziu *Hoje e amanhã*, também de Ford. No fim do mesmo ano, mudou-se para os Estados Unidos, onde ocuparia o cargo de adido comercial. Talvez isso explique a ausência de traduções até 1931 – foram substituídas pelos relatórios periódicos ao Governo do Brasil –, embora não tenha deixado de produzir as histórias para crianças.

Quando Getúlio Vargas assume o poder, em 1930, Lobato é destituído juntamente com outros funcionários interinos e extranumerários. De volta ao Brasil em 1931, retoma a tradução, publicando *Beau geste*, de P. C. Wren. Interrompe o trabalho de tradutor no ano seguinte, quando esteve bastante ocupado com suas companhias de petróleo e a publicação de novas histórias infantis com as personagens do Sítio do Picapau Amarelo e de algumas adaptações.

Em 1933, volta a traduzir, publicando mais quatro títulos. É nos anos de 1934 e 1935, porém, que sua fúria tradutória surpreende a todos – nada menos que 25 títulos; um a cada mês, em média aproximada. A tradução está perto de se tornar sua única fonte de renda, pois não dispunha mais da

<sup>166</sup> São Paulo, 11/01/1925. Idem, p. 275.

Companhia Editora Nacional – após ter perdido suas economias na quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, vendera o que lhe restara dela – e vinha se dedicando à perfuração de poços de petróleo, sem retorno algum. De fato, a partir de 1939, com a interdição de suas companhias petrolíferas, Lobato não tem de onde tirar seu sustento senão da tradução e da publicação de algumas histórias infantis<sup>167</sup>. Por isso a tradução, que fora negligenciada entre 1936 e 1938 – apenas quatro títulos no período –, volta a merecer sua atenção, aumentando progressivamente, perfazendo 31 títulos entre 1939 e 1943.

Aos que duvidavam que ele pudesse traduzir tanto em tão pouco tempo, respondia: “Posso ensinar o meu método (...) A questão toda é ir para a máquina de escrever logo que chega o leiteiro e não parar até a hora do almoço”<sup>168</sup>. Mas o que melhor explica os altos índices de sua produção é a confissão que faz a Rangel, em uma carta enviada da prisão, onde esteve entre março e junho de 1941: “Foi a tradução que me salvou depois do meu desastre do petróleo. Em vez de recorrer ao suicídio, ao álcool ou a qualquer estupefaciente recorri ao vício de traduzir, e traduzi tão brutalmente que me acusaram lá fora de apenas assinar as traduções. Mas era o meio de me salvar. Hoje me sinto perfeitamente curado, – e por isso abandono o remédio.”<sup>169</sup> – confirmando, assim, sua mudança de opinião quanto à tradução: não mais uma maçada. Desde então, seu trabalho como tradutor foi se escasseando; em 1944 foram 3 títulos, decaindo para apenas um nos anos seguintes, até que, em seu último ano de vida, 1948, abandonara o tal “vício” por completo.

Como se percebe, a tradução foi bastante importante em sua vida, chegando a ser sua única fonte de renda. Seu envolvimento com a tradução se relaciona, sobretudo, com sua dedicação à literatura infantil. De fato, Lobato trabalhou pelo enriquecimento da literatura infantil brasileira mais do que qualquer outro editor ou escritor. Ele teve a ideia de investir nesta área ao constatar não apenas a má qualidade – segundo sua avaliação bem fundamentada em suas cartas a Rangel – das traduções das histórias infantis, mas também a carência do mercado editorial para crianças: “Ando com várias ideias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo

<sup>167</sup> Cf. AZEVEDO, Carmen Lucia de; et alli. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. Op. cit., p. 334.

<sup>168</sup> LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. Op. cit., p. 356.

<sup>169</sup> São Paulo, 05/03/1945. Idem, p. 366-367.

em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha conta. (...) É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos...”<sup>170</sup>.

Indo além das fábulas de La Fontaine, Lobato constituiu o cânone da literatura infantil e juvenil brasileira, enriquecendo-o com obras de diversas culturas.

Ao contrário da visão sacralizante que usualmente se tem das artes e de tudo que a elas se refere, Lobato, fundador de quatro editoras, considerava o livro um gênero de primeira necessidade que, como tal, deveria ser vendido em qualquer ponto comercial - para que seu acesso fosse facilitado - e que deveria gerar lucros aos envolvidos em sua cadeia de produção e comercialização - a fim de que houvesse mais pessoas interessadas em sua difusão:

Vossa Senhoria tem o seu negócio montado, e quanto mais coisas vender, maior será o lucro. Quer vender também uma coisa chamada “livro”? V. S. não precisa inteirar-se do que essa coisa é. Trata-se de um artigo comercial como qualquer outro, batata, querosene ou bacalhau. E como V. S. receberá esse artigo em consignação, não perderá coisa alguma no que propomos. Se vender os tais “livros”, terá uma comissão de 30%; se não vendê-los, no-los devolverá pelo Correio, com o porte por nossa conta. Responda se topa ou não topa.<sup>171</sup>

Cinco anos mais tarde, em outra de suas cartas a Rangel, Lobato anuncia seus planos de reescrever e publicar histórias infantis que já haviam sido traduzidas por Jansen Müller. Entre tais traduções, estavam *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusóé* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen* (1891) e *Don Quixote de La Mancha* (1901): “Pretendemos lançar uma série de livros para crianças (...) e vamos nos guiar por umas edições do velho Laemmert, organizadas por Jansen Müller. Quero a mesma coisa, porém com mais leveza e graça de língua. Creio até que se pode agarrar o Jansen como ‘burro’ e

<sup>170</sup> Carta a Rangel, 1916. Idem, p. 104.

<sup>171</sup> Circular dirigida a possíveis revendedores. LOBATO, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1959b, p. 190.

reescrever aquilo em linguagem desliterarizada”<sup>172</sup>.

Com sua intenção de simplificar a linguagem, estaria o que Adriana Vieira interpretou como projeto de criação de uma linguagem mais compreensível às crianças: “Poderíamos interpretar essa expressão de Lobato como busca de uma linguagem mais inteligível para o leitor infantil”<sup>173</sup>. Mas podemos interpretá-la, também, como a revelação de que nem sempre Lobato efetuou a tradução, se consideramos a acepção essencialista deste termo. Por vezes, o que ele fez foi recontar segundo sua ideologia e senso estético – e não apenas sua concepção de literatura infantil e juvenil – textos já traduzidos – e ele o fazia consciente e intencionalmente. Daí o problema de se usar de modo essencialista termos como tradução e adaptação, ou mesmo recriação, apropriação, paródia ou paráfrase quando nos referimos a seu trabalho.

Além de criticar a linguagem da literatura traduzida para o público infantil, Lobato também criticava a perspectiva francesa da literatura brasileira – o padrão, em termos artísticos, no século XIX. Ao mesmo tempo, propugnava a fusão do que havia de melhor na literatura universal, em termos de forma e conteúdo, para fortalecer e enriquecer a literatura nacional, criando-se, a partir da assimilação do estrangeiro, uma literatura autenticamente brasileira – até o ponto em que a autenticidade é possível. É neste sentido que, por exemplo, propõe novas traduções de obras já publicadas em português e o abandono do modelo francês, “literarizante”, segundo sua concepção, em favor de uma literatura com caracteres nacionais e expressa em português brasileiro, fluente e compreensível, sobretudo quando se tratavam de obras destinadas ao público infantil:

Já mandei os originais do Michelet. Os contos extraídos das peças de Shakespeare vão para que escolhas alguns dos mais interessantes e que os traduzas em linguagem bem singela; pretendo fazer de cada conto um livrinho para meninos. Traduzirás uns três, à escolha, e os mandarás com o original; quero aproveitar as gravuras. Estilo água do pote, heim? E ficas com liberdade de melhorar o original onde

<sup>172</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Op. cit., p. 233.

<sup>173</sup> VIEIRA, Adriana Silene. “*Viagens de Gulliver ao Brasil*” – *Estudo das adaptações de Gulliver’s Travels por Carlos Jansen e por Monteiro Lobato*. 229p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2004, p. 102.

entenderes. O *D. Quixote* é para ver se vale a pena traduzir. Aprovado que seja, esse resumo italiano, mãos à obra. E também farás para a coleção infantil coisa tua, original. Lembra-te que os leitores vão ser todos os Nelos [referência ao filho] deste país e escreve como se estivesse escrevendo para o teu. Estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas! Temos de refazer tudo isso – abrasilizar a linguagem.<sup>174</sup>

Além do cuidado com a linguagem, Lobato demonstra preocupação não apenas com a qualidade da obra escolhida para ser traduzida, mas também com a qualidade da obra resultante. Seu conselho a Rangel para melhorar o original nos permite concluir, ainda, que não partilhava com os essencialistas a concepção de que o original é superior à tradução e, portanto, impossível de ser melhorado – era preciso adequá-lo ao público a que se destinava e a essa adequação ele chama “melhorar”.

Pouco depois, Lobato volta a manifestar sua preocupação com a escolha de um estilo adequado ao gosto e necessidade do público-alvo e a relevância de se conhecer tal estilo: “Recebi o *Rei Lear*. Continua. Fazer os mais interessantes, não todos, pois temos de experimentar o público com os primeiros”<sup>175</sup>. Meses mais tarde, ainda sobre as traduções das peças de Shakespeare, demonstra-nos novamente a importância que atribui ao público. Para ele, uma vez encontrado o estilo apropriado, este deve ser mantido, com o objetivo de bem atender aos leitores: “Tenho cá o *Rei Lear*. Podes fazer o resto sem pressa, e em estilo que não perca de vista os leitores que vai ter – meninos [ou seja, crianças]”<sup>176</sup>.

Em outra carta da mesma época, Lobato reafirma sua preocupação em editar traduções, escrevendo-as em linguagem mais adequada ao público. Também pretendia selecionar obras mais abrangentes em termos culturais, disponibilizando às crianças brasileiras grande parte do cânon da literatura universal: além do já citado Shakespeare, queria Miguel de Cervantes, Jonathan Swift e Daniel Defoe: “Andas com tempo disponível? Estou precisando de um *D. Quixote* para crianças, mais correntio e mais em língua

<sup>174</sup> Carta a Rangel, São Paulo, 11/01/1925. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Op. cit., p. 275.

<sup>175</sup> Carta a Rangel, São Paulo, 15/02/1925. Idem, p. 275.

<sup>176</sup> Carta a Rangel, Rio de Janeiro, 7/10/1925. Idem, p. 281.

da terra que as edições do Garnier e dos portugueses. Preciso do *D. Quixote*, do *Gulliver*, do *Robinson*, do diabo! Posso mandar serviço? É uma distração e ganha uns cobres<sup>177</sup>.

Tais preocupações, porém, já o perturbavam há alguns anos, conforme lemos em outra de suas cartas a Rangel, enviada seis anos antes das citadas acima, em que não poupa críticas ao mercado editorial brasileiro, que, de acordo com Lobato, errava tanto na escolha dos títulos a serem publicados quanto na linguagem – conforme continuou criticando –, e se propunha, ainda em caráter experimental na época, a fazer algo mais adequado às crianças brasileiras:

Tive ideia do livrinho que vai para experiência do público infantil escolar, que em matéria fabulística anda a nenhuma. Há umas fábulas do João Kopke, mas em verso – e diz o Correia que os versos do Kopke são versos do Kopke, isto é, insultos e de não fácil compreensão por cérebros ainda tenros. Fiz então o que vai. Tomei de La Fontaine o enredo e vesti-o à minha moda, ao sabor do meu capricho, crente como sou de que o capricho é o melhor dos figurinos. A mim me parecem boas e bem ajustadas ao fim – mas a coruja sempre acha lindos os filhotes. Quero de ti duas coisas: juízo sobre a sua adaptabilidade à mente infantil e anotação dos defeitos de forma.<sup>178</sup>

Nesta carta, novamente percebemos sua liberdade ao lidar com os textos de outros autores, o que lhe permite fazer adaptações, quando as considera necessárias, para atender aos objetivos que lhes atribui.

Recuando ainda mais no tempo, encontramos um Lobato interessado em construir heróis brasileiros seguindo os moldes do romance histórico de Walter Scott, modernizando-o, porém, de acordo com o modelo de Rudyard Kipling. Neste sentido, pode-se afirmar que Lobato anseia por criar um passado nobre para o Brasil, apresentando os bandeirantes como heróis, conforme fizeram os românticos com os godos, por exemplo, na Europa, ao tentar resgatar para suas nações uma origem nobre construída retoricamente. Lobato não queria, porém, incorrer no erro de copiar um modelo que não se encaixava ao contexto nacional, como fizeram os românticos brasileiros. A

<sup>177</sup> Carta a Rangel, São Paulo, 8/03/1925. Idem, p. 276.

<sup>178</sup> Carta a Rangel, São Paulo, 13/04/1919. Idem, p. 193.



saída encontrada seria, pois, imitar um escritor que considerava moderno:

Ando a estudar a história do Brasil. Há nela bons blocos de mármore a serem entalhados. Os bandeirantes, Borba Gato, Fernão Dias – que bandidos soberbos! Estou a imaginar a Doença do Ouro no Brasil. O período das minas gerais, a avidez dos homens, a cobiça louca, a ação e a reação desse ouro aqui e no Velho Mundo – lá envenenando Portugal e enriquecendo a Inglaterra. Um romance histórico feito naturalisticamente. Já notaste que o romance histórico nem sequer ainda balbuciou entre nós? Imagino-o à maneira de Walter Scott, mas com as tintas modernas de Kipling. Não te sabe uma arracadinha passado a dentro? O óbice maior será a restauração da fala dos personagens. O cenário é a mesma mata virgem de hoje, com as mesmas caças, o mesmo gavião-pato, os mesmos espinhos de brejaúva. Não conheço *As Minas de Prata* do velho Alencar, mas juro que também lá ele falsifica o homem – embelezando-o. Os índios de Alencar no *Guarani* são pescados na *Iliada* de Homero.<sup>179</sup>

Sua crítica ao preciosismo da literatura brasileira, que credita à imitação dos franceses e dos portugueses, os quais, por sua vez, também imitavam os primeiros, e ao modelo clássico, em última instância, é, porém, anterior a esta carta, conforme o demonstra mais uma de suas cartas a Rangel:

Para o trabalho do estilo, a primeira empreitada é modificá-lo, como diz você, das “maneiras” consagradas. Fugir sobretudo a maneira do Eça, a mais perigosa de todas, porque é graciosíssima e muito fácil de imitar. “Cigarro lânguido” – “Caneta melancólica” – “Tinteiro filosófico”. Também o descanso nas linhas exóticas é preciso – sobretudo no inglês. A literatura alemã também ensina muito. Sudermann revelou-te um grande segredo, e a mim quem mo revelou foi Hauptmann. *O Caminho dos Gatos* é romance de deixar sementes em nosso terreirinho, quanto à composição e ao modo de dizer.<sup>180</sup>

Sua ideia de renovar o modelo literário brasileiro – por meio da reescrita de obras até então inéditas em português do Brasil –, observemos, também já era antiga e se conservaria, bem como a crítica ao preciosismo

<sup>179</sup> Carta a Rangel, Fazenda, 17/03/1916. Idem, p. 75.

<sup>180</sup> Fazenda, 7/12/1915. Idem, p. 59-60.

literário e à imitação do estilo francês, até o fim de sua vida:

A literatura inglesa, tão rica de monumentos, era como se não existisse. A alemã, a russa, a escandinava, idem. A americana, idem. Um dia um editor inteligente teve a ideia de arejar o cérebro dos nossos eternos leitores de eschichadas e ponsonadas. Aventurou-se a lançar no mercado Wren, Wallace, Bourroughs, Stevenson, e que tais. E foi além. Lançou alguns dos sumos: Kipling, Jack London – e já pensa em Joseph Conrad e Bernard Shaw.

A surpresa do indígena foi enorme. Sério? Seria possível que houvesse no mundo escritores maiores do que Eschich e Dumas? Que fora da França e da Espanha houvesse salvação?<sup>181</sup>

Porém, a despeito de suas críticas à literatura francesa, ele a reconhece na base de sua formação: “Minha livraria é duma pobreza incrível em livros em língua portuguesa. Quase tudo francês. Uma vergonha...”<sup>182</sup>. A quantidade de livros franceses em sua biblioteca, reflexo da formação característica da sociedade culta brasileira até recentemente, revela, ao mesmo tempo, a pobreza do mercado editorial interno, que Lobato também criticava. Além da falta de opções, a qualidade das traduções, segundo ele, não era boa, conforme observa: “Ando a fiscalizar as traduções para o Otalles, e bom dinheiro perde ele com essa fiscalização! Mas, faça-se-lhe justiça: perde-o com prazer. Prefere perder dinheiro a enfiar no público uma tradução que eu condene. Que outro editor faz isto? Já perdeu assim mais de vinte contos este ano”<sup>183</sup>. Ninguém melhor do que Lobato, escritor consagrado, crítico e editor interessado na formação dos leitores e da literatura brasileira, poderia exercer a função de revisor de traduções.

Quanto a sua própria relação com a tradução, Lobato a reconhece mais profunda que seu envolvimento com suas produções originais ao destacá-la como vital<sup>184</sup>. Porém, no seu caso, conforme já vimos, a distinção entre tradução e produção original é bastante relativa uma vez que ele frequentemente se utilizava da produção de outros autores para criar sua própria. Por exemplo,

<sup>181</sup> LOBATO, Monteiro. *Mundo da lua e miscelânea*. São Paulo: Brasiliense, 1959c, p. 125-130.

<sup>182</sup> Carta a Rangel, Fazenda, 10/03/1916. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Op. cit., p. 72.

<sup>183</sup> Carta a Rangel, São Paulo, 16/06/1934. Idem, p. 328.

<sup>184</sup> Cf. Lobato. Idem, p. 366-367.

ele aproveitou personagens ou episódios de outras histórias para criar as suas, tal como a inclusão do navio do Capitão Gancho em *O Pica-pau Amarelo* e a visita dos personagens do Sítio à Grécia Antiga.

Como editor e proprietário de editora, Lobato dominava parte do sistema de patronagem de que dependeria, restando-lhe apenas convencer os comerciantes a vender seu produto e, os leitores, a consumi-lo. Para tanto, procedia como explicou a Tristão de Ataíde: “O galo encontrou uma pérola. ‘Antes fosse um grão de milho’, disse e passou. Você deu pérola ao galo. Eu dou milho. Eis a razão do meu sucesso”<sup>185</sup>.

Ao aconselhar Ataíde a dar “milho ao galo”, Lobato sugere que seu sucesso advinha da estratégia de criar textos para seu público – e não um público para seus textos. Mas há indícios de que também trabalhara em sentido inverso, conforme demonstram seus esforços para formar no Brasil um público leitor, a facilitação do acesso aos livros de suas editoras e as propagandas, que se valiam de estratégias inesperadas. Por exemplo, a inserção da propaganda de sua versão de *Alice no País das Maravilhas* na trama de *Memórias de Emília*:

– Esta aqui, tia Nastácia, é a famosa Alice do País das maravilhas e também do País do Espelho, lembra-se?

– Muito boas tardes, senhora Nastácia! Murmurou Alice cumprimentando de cabeça.

– Ué! Exclamou a preta. A inglesinha então fala nossa língua?

– Alice já foi traduzida em português, explicou Emília.<sup>186</sup>

Reforçando a estratégia, o diálogo é acompanhado por uma nota de rodapé informando a publicação, em português, do livro de Lewis Carrol.

Como se percebe, o trabalho de Lobato na formação do mercado editorial, com aprimoradas estratégias de *marketing*, na disponibilização de importantes obras da literatura ocidental em língua portuguesa do Brasil e mesmo na adequação da linguagem literária ao público leitor, torna-o um dos mais importantes agentes culturais que nosso país já teve.

<sup>185</sup> São Paulo, 30/06/1921. Idem, p. 234.

<sup>186</sup> LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília e Peter Pan*. São Paulo: Brasiliense, 1952, p. 87-88.